

Apresentação

Isabel Lousada (CICSNOVA)*
ORCID 0000-0002-7652-8544
Aldinida Medeiros (UEPB)**
ORCID 0000-0001-9349-5492

Na senda da autoria feminina. Tessituras, personagens, realidade e ficção

Doze ensaios constituem o presente número da revista *Sociopoética* que aqui apresentamos, a que se junta uma recensão crítica. A diversidade dos artigos coligidos revela o interesse que a chamada para trabalhos suscitou, traduzindo-se numa resposta a um só tempo plural – nos campos científicos que atravessam, nas geografias contempladas e nas abordagens escolhidas. Este dossiê, que compõe o número 1 do volume 23 da *Sociopoética*, nasce das inúmeras participações em eventos científicos nos quais observamos o quanto ainda se faz necessária a discussão sobre o feminino, sobre autoria feminina e crítica feminista. Apesar de o reconhecermos, à Academia ainda chegam vozes, oriundas de alguns quadrantes e estudiosos(as), reclamando estar o tema esgotado. Não está, afirmamos. Muito pelo contrário, há uma necessidade cada vez mais premente para que se diversifiquem os debates, trazendo para a seara dos Estudos de Género novas questões do movimento feminista actual de modo que, a partir destas, possamos levar um novo olhar para a análise das obras literárias. Nem os temas anteriores estão esgotados nem devemos abdicar de abraçar outros matizes, tais como o feminismo centrado nas questões de raça, que cada vez mais ganham espaço. Neste número, a título de exemplo, três ensaios abordam problemáticas em torno da mulher negra.

A literatura na sua relação com outras áreas do conhecimento traduz um espaço de intersecção, de culturas, de saberes intelectuais, mas, deverá ser, sobretudo, um espaço de interrogações e de reflexão. O estudo da autoria feminina e das representações da mulher na literatura é fruto das lutas feministas e tem singrado, apesar dos obstáculos a que foi historicamente sujeito.

Lembrando bell hooks, “[a] maioria das mulheres está mais familiarizada com as perspectivas negativas do movimento pela emancipação das mulheres do que com as intenções positivas do feminismo.” (2019, p. 55)¹. Esta afirmação bastará de incentivo até para gerar outros (inúmeros) dossiês sobre mulher e literatura, sobre a mulher na literatura e sobre a importância do feminismo para a literatura.

Saudamos, também por isso, pela capacidade de resposta em tempos de crise pandémica mundial que persiste, comprovando a vitalidade da área e do campo de estudos que privilegiamos, as autoras e os autores, cujo contributo tanto distingue este número da *Sociopoética* que agora apresentamos.

No artigo **“A luta coletiva em *A marquesa de Vale Negro*, de Maria O’Neill”**, **Andreia Castro** apresenta a obra literária da escritora portuguesa Maria O’Neill (1876 – 1932), feminista, socialista e espírita. Segundo Andreia Castro, no romance *A marquesa de*

* Doutora em Estudos Comparados Anglo-Portugueses e Investigadora Auxiliar da Universidade Nova de Lisboa - integrada no CICSNOVA - Portugal. E-mail: isabel.lousada@fcsh.unl.pt.

** Doutora em Estudos da Linguagem e professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: aldinida@servidor.uepb.edu.br.

¹ HOOKS, Bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. Tradução Rainer Patriota. São Paulo: Perspectiva, 2019. (Col. Palavras Negras).

Vale Negro, há como que um alerta para o tópico da rivalidade feminina que ainda permanece e tem sido mantida pela sociedade patriarcal. Abre-se aqui a possibilidade de conhecer a trajetória de uma prolixa autora, Maria O'Neill, que nos seus textos demonstra a importância da luta colectiva para uma sociedade melhor e mais justa.

“Entre mundos: o visível e o invisível em *A casa da cabeça de cavalo*”, Lousada e Steinmetz analisam o romance de uma escritora portuguesa consagrada e com vasta obra publicada, Teolinda Gersão (1940). Neste ensaio, demonstra-se como o espaço da casa no romance *A casa da cabeça de cavalo* é passível de múltiplas leituras. Baseando-se nos estudos de Gaston Bachelard e Elódia Xavier, analisam-se as várias configurações e significados que a casa pode encarnar.

Já no artigo seguinte, intitulado “A escrita de vivências e sua relação com a formação de lideranças femininas negras no Brasil”, Daiany Silva nota como a narrativa da escritora brasileira Conceição Evaristo (1946) traz luz ao debate sobre as questões do género e da raça. O conceito de escrevivência é fundamental pois a escrita das vivências está ligada à formação das lideranças femininas negras no Brasil, como se mostra.

Continuando a reflexão sobre as questões de género, José de Sousa Campos Júnior, em “Biopoder, género e literatura: o lugar da paraibana Ignez Mariz no Regionalismo de 30”, analisa o romance “A Barragem” (1937), assinado por I. Mariz (1905 – 1952). Neste estudo encontramos ainda reflexões acerca das estratégias de género usadas pela crítica literária na conservação do poder patriarcal, construindo espaços secundários para as escritoras e o protagonismo, para os homens.

O artigo seguinte, “Palavra de mulher na Paraíba: um estudo sobre a poesia de Vitória Lima”, de Josivânia da Cruz Vilela e de Marcelo Medeiros da Silva, incide também sobre a obra de uma autora radicada na Paraíba, desta feita a poetisa e escritora brasileira Vitória Lima (1946), concentrando-se o estudo nos seus livros de poesia *Anos Bissexto* (1997) e *Fúcsia* (2007). A análise dessas obras parte dos pressupostos da crítica feminista em interface com os estudos de género.

Prosseguindo na senda da literatura de autoria feminina, no estudo «A construção das personagens femininas nigerianas nos contos “No Seu Pescoço” e “Os Casamenteiros”, de Chimamanda Ngozi Adichie», as investigadoras Claudeci Ribeiro Silva Araújo e Aldinida Medeiros apresentam uma análise da construção das personagens femininas negras em situações de diáspora, com foco para as mulheres que emigram da Nigéria para os Estados Unidos da América e se deparam com o choque cultural. A escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie (1977) possui um percurso deveras assinalável na desconstrução de estereótipos e os dois contos escolhidos servem o mesmo propósito.

No artigo «A tradição e a modernidade em “Bernice Bobs Her Hair”, de F. Scott Fitzgerald», da autoria de Larissa Bruna Batista de Farias, encontramos também uma análise de um conto. A narrativa do escritor americano F. Scott Fitzgerald (1896 – 1940) é analisada na perspectiva da identidade de género, espelhando as transformações sociais que ocorreram no início do século XX e os seus efeitos nos indivíduos e nos ideais da sociedade.

E em “Desterritorialização melancólica – Uma leitura do personagem Kaushik em *Terra descansada*, de Jhumpa Lahiri”, de Marcelo Camilo Bezerra dos Santos e José Vilian Manguiera, encontramos dilemas e inquietações pessoais, também ligados à identidade do indivíduo: procede-se à leitura da melancolia na personagem Kaushik, de *Terra descansada*, da escritora anglo-americana Jhumpa Lahiri (1967). Kaushik manifesta – para além da melancolia – dilemas relacionados com a não-pertença e a incapacidade de criar raízes num país. O travejamento teórico deste artigo, ancorado em autores de campos científicos muito diversos, de Sigmund Freud a Stuart Hall, contribuem para uma leitura ecléctica da melancolia.

Entretanto, no ensaio **“A desrealização da memória, ou o feminino de documenteur”**, de **Júlia Jovita Cunha**, partindo dos conceitos de polifonia e de memória compartilhada, é analisada a criação de uma *narrativa de si*, presente no filme *Que bom te ver viva*, da cineasta brasileira Lúcia Murat (n. 1949). Neste estudo destaca-se não só uma “constituição autobiográfica” do documentário, mas também se apresenta um testemunho colectivo de um trauma compartilhado. O filme apresenta-nos uma mulher que resiste ao regime ditatorial, emergindo a questão de o sujeito reivindicar a sua própria história, entretecida na História oficial do seu país.

Já no artigo **«Um giro feminista negro diaspórico com o “Cio da terra” – Coletivo de mulheres migrantes de Belo Horizonte»**, de **Camila Rodrigues Francisco**, voltamo-nos para a metáfora conceptual do giro da sambadeira do samba de roda, considerando o “Cio da terra”, grupo de mulheres migrantes de Belo Horizonte, que nos apresenta as reflexões do pensamento feminista negro diaspórico, emanado do trabalho da intelectual brasileira Sônia Santos. Assim, o conhecimento aprofundado dos percursos e das origens da diáspora africana permite aceder a uma verdadeira consciência da realidade das mulheres migrantes no Brasil.

Em **“Viagem feminina como expressão e a construção de imaginários turísticos: da antiguidade à era da conexão”**, de **Flávia Lopes Sales Nascimento**, a resistência às estruturas patriarcais é lema, mediante a abordagem da viagem feminina como meio de expressão para manifestar essa mesma resistência. Neste estudo, Flávia Nascimento fala-nos de mitos femininos relativos à viagem e de relatos de mulheres que constituem um marco para a História da viagem no feminino – contributo relevante para a igualdade de género.

No estudo assinado por **Ana Patrícia Frederico Silveira e Sávio Roberto Fonseca de Freitas**, **“Alice sobre si mesma e sobre sua quarentena: uma leitura de Quarenta dias, de Maria Valéria Rezende”**, de novo uma personagem feminina – Alice, do romance *Quarenta dias*, da escritora brasileira Maria Valéria Rezende (1942) – é o assunto. Analisa-se a personagem Alice, que Rezende nos dá a conhecer, a par dos conflitos e dos desafios com que se depara a mulher brasileira idosa. Este é um romance que traz à tona as diversas características da sociedade brasileira, incluindo matizes de classes sociais, hierarquia familiar e origem geográfica.

A finalizar, o texto oferecido por **Riccardo Cocchi**, **“Será esse livro engolido pelo mar? Uma resenha de *Canibalística*”**, constitui um comentário crítico ao livro *Canibalística* (2020), de Maria Otília Rodrigues, a “menina prodígio”. A ler, portanto, até porque nos coloca no seio de temática relevante e questão pungente: «Por que não valorizamos a literatura em português?».

Acreditamos poder a leitura dos ensaios que constituem este dossiê servir o propósito de amplificar o conhecimento em torno de autoras, textos e assuntos na perspectiva da autoria feminina em suas múltiplas e fecundas direcções. Oxalá as narrativas remetam leitoras e leitores para um universo onírico enriquecedor da vivência quotidiana e estimulem a criatividade geradora de superação. A literatura sempre foi uma aliada benéfica em tempos conturbados, incentivando o pensamento crítico e permitindo resistência(s) a realidades hostis.

À leitura!